



IV CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE PSICOLOGIA JUNGUIANA

Hotel Conrad Resort & Casino de Punta del Este

De 2 a 7 de setembro de 2006.

Neurociência e Transdisciplinaridade: tendências metodológicas

Suely Laitano da Silva Nassif

RESUMO

Os conhecimentos da neurociência têm sido gerados, mesmo antes de o termo ter sido cunhado, da interface entre os achados da pesquisa básica e suas aplicações clínicas. Da discussão sobre a relevância dos achados experimentais, no campo de estudo dos sonhos, evidenciam-se questões relativas ao método e a metodologia. Propõe-se um resgate possível nessa interface através do pensamento mítico simbólico, já que o estudo do conteúdo dos sonhos é para a psicanálise ferramenta adequada. Busca-se a integração dos conhecimentos de múltiplas áreas de atuação, em um diálogo inter e transdisciplinar que traga um olhar, ôntico e ontológico, que possa abarcar o sujeito e o objeto, como um todo.

PALAVRAS-CHAVE: Neurociência, sonho, neuroimagem, método, metodologia, ciência, real, transdisciplinaridade, psicanálise, mente, cérebro.

Transdisciplinaridade: aspectos clínicos

Suely Laitano da Silva Nassif

*“A mente inconsciente do homem vê corretamente mesmo quando a razão consciente é cega e impotente.”
C.G.Jung - CW 11: 608*

Tomando-se como ponto de partida a questão da intervenção, há de se indagar: Que ciência é essa que se propõe um conhecer que não atinge a questão da existência? Que conhecimento nos auxiliaria a desvelar as questões da existência? Que consciência é essa que buscamos para o entendimento de quem somos? Que vida é essa que nos escapa à compreensão?

Como elaborar essa vida vivida no dia-a-dia, em suas contradições e controvérsias, encontros e desencontros que, sem controle, nos escapa pelas mãos? Essa emoção vivida que redige o

“drama da existência” e pinta de diferentes formas a vivência interna de cada um frente à sua história de vida?

Como encontrar na ciência recursos para o conhecimento? Esse conhecimento que indaga sobre a consciência, de si mesmo, do outro e das suas relações, que se estabelece na manifestação da expressão de sentido e significado ontológico (do Eu) e ôntico (do Outro) para a realização do Ser em sua essência e existência.

Como buscar essa consciência libertadora do processo de individuação?

Diante desse questionamento, a narrativa mítica da história de Édipo nos revela o impacto do inconsciente na existência do Ser em busca desse conhecimento. Como que revelando o sentido oculto que nos faz repetir e elaborar (Byington, 1996) os elementos dessa história, como se a melodia desse enredo pudesse nos revelar enfim os segredos que guardamos em nós e que tanto desejamos encontrar. É como se pudéssemos intuir que todos os elementos encontram-se ali descritos, mas, que ao mesmo tempo, nos escapam e nos encantam.

Os mitos como os sonhos possuem este poder de esconder e revelar o que foge à nossa compreensão. Assim, no mito de Édipo os vários elementos que se contrapõem nos reportam a outro universo de representações. Tornando-se possível sermos tocados em nossa sensibilidade, pelo significado não literal, mas pelo significado metafórico que ultrapassa as palavras. Este poder de nos transportar, que a arte possibilita, em suas múltiplas manifestações, mobiliza em nós a sensibilidade, o lúdico, o prazer, o estético, o simbólico.

Assim repito, em minha mente os elementos dessa história.

Na entrada do templo de Delfos estava escrito “conheça-te a ti mesmo”.

O oráculo Tirésias prevê o destino de Édipo que, a caminho de Tebas, é surpreendido pelo enigma da Esfinge.

_ “Decifra-me ou devoro-te. Responda: Que Ser é esse?”

_ “O homem”, responde Édipo.

Que conhecimento é esse subjacente ao mito? Que conhecimento é esse que nos impulsiona a caminhos indecifráveis? Seria esse o modo de resgatar o sentido não só ôntico, mas ontológico do ser?

É essa linguagem que organiza o pensamento e possibilita o entendimento sobre as questões de “vida e morte” (Byington, 1996) que cria uma narrativa como instrumento utilizado todos os dias, no consultório e em nossas vidas, e que exige a incansável busca por um novo olhar de entendimento. (Foucault, 1987).

A esse mundo das narrativas míticas se contrapõe o mundo da ciência, também em sua busca de conhecimento. São duas linguagens distintas, dois conhecimentos distintos.

Em minha imaginação posso me transpor para um tempo e lugar que há muito me impressiona e intriga. Posso sentir mais do que pensar no clima daquela sala, em La Salpêtrière, em meados de 1885, o impacto que Charcot produzia ao apresentar aquelas mulheres históricas, paradoxo vivo da dualidade corpo-mente. Questão intrigante que suscita explicação de como pode existir imobilidade em um sistema íntegro.

Naquela época, La Salpêtrière se tornara a meca da neurologia, ponto de encontro dos cientistas de então, preocupados com a emergente discussão da dualidade corpo-mente, até então duas realidades inquestionavelmente distintas.

Nesse tempo histórico, “histeria” e “epilepsia” passam a ser pesquisadas, como objeto de estudo, em suas manifestações comportamentais vistas por diferentes pesquisadores de diferentes formações. A hipnose passa a ser eleita como terapêutica capaz de desbloquear o cérebro no tratamento da histeria.

Nesse espaço, assim aberto e propício, num clima de questionamentos de teoria e prática; de ciência e não ciência; do corpo e suas relações com o sistema nervoso; do neurológico e sua expressão comportamental, surgem os fundamentos das neurociências e das psicociências, com origem e objeto de estudo comuns, frente à evidência de que os fenômenos físicos e psíquicos coexistem nas manifestações do comportamento expresso, ainda que estudados de diferentes formas e adotando-se metodologias distintas.

É nesse momento que a linguagem se transforma em discurso racional, que se perde a dimensão da totalidade, surgindo diferentes campos de conhecimento, cada qual com suas “fronteiras” bem definidas, como “expressão máxima de suas diferenças” (Saiz, 1998).

Psicanálise

Assistindo àquelas apresentações, Freud postula o conceito do inconsciente e elabora os fundamentos da Psicanálise, “com a intenção de produzir uma psicologia como ciência natural” (Freud, 1895). No entanto, a impossibilidade de correlacionar seus achados com os eventos das estruturas neurológicas, na época em que o neurônio acaba de ser descoberto - como unidade funcional do sistema nervoso - afasta suas investigações das bases neurológicas. Após a morte de Freud, seus seguidores preferem considerar a psicanálise como hermenêutica.

Deste modo, por um lado, a psicanálise se expande para múltiplos campos de conhecimento da cultura inserindo-se no contexto da história contemporânea (Freud, 1981); por outro, deixa de ser vista como ciência natural e perde a possibilidade de comprovação e credibilidade perante a comunidade científica.

Neurociências

Do mesmo confronto, frente à relação mente-cérebro surgem diferentes campos de investigação neurológica, com desenvolvimento relativamente lento até meados do século

passado. A partir do conjunto de descobertas nas áreas biológicas, e, posteriormente, dos avanços tecnológicos, em especial as contribuições devidas a neuroimagem as neurociências expandem seu campo de estudo.

“A neurociência moderna representa a fusão da biologia molecular com a neuropsicologia, anatomia, embriologia, biologia celular e a psicologia... O objetivo futuro é produzir uma psicologia que – embora ainda relacionada às questões de como as representações internas são geradas com a psicodinâmica e os estados subjetivos da mente – estejam solidamente embasados na neurociência empírica”. (Kandel, 1997. p. 4).

“Embora a psicologia reclame, e com razão, a autonomia de seu próprio campo de pesquisa, ela deve reconhecer uma extensa correspondência de seus fatos com os dados da biologia”. (Jung CW VIII, § 232).

Deste modo, após a cisão das diferentes áreas de conhecimento que deram origem a “fronteiras” e metodologias de pensamentos próprios a cada uma das ciências, começam a surgir possibilidades de reencontro e diálogo, inter e transdisciplinar nas áreas de “fronteiras”, como as denomina Mario Saiz (1998), com um novo olhar, ôntico e ontológico, que abarque o sujeito e o objeto, como um todo. Neste momento, podemos observar o uso de múltiplas designações, tudo ainda está em aberto.

Referências Bibliográficas

- BELO, F. (1999). Sonho e Linguagem: Questões filosóficas relativas à sua abordagem em neurobiologia. Revista da Faculdade de Medicina de Lisboa, v. 4, n. 4, p. 211-224.
- BYINGTON, C. (1996). Arquétipo da Vida e o Arquétipo da Morte. Junguiana, v.14, p. 92-115.
- FAZENDA, I. (2001). Interdisciplinaridade: Dicionário em Construção, São Paulo: Cortez.
- FOUCAULT, M. (1987). O nascimento da clínica. Rio de Janeiro: Forense-Universitária.
- FOUREZ, G. (1995). A construção da ciência. São Paulo: UNESP.
- FREUD, S. (1895). Proyecto de una Psicología para neurologos. Em: Obras completas de Sigmund Freud. 4ª ed. Madrid: Biblioteca Nueva. v. 1, p.209-330.
- HABERMAS, J. (1989). Conhecimento e Interesse. Rio de Janeiro; Guanabara.
- JAPIASSÚ, H. (2001). Desistir de Pensar? Nem Pensar! São Paulo: Letras & Letras.
- KANDEL, E. R., JESSELL, T. M. & SCHWARTZ, J. H. (2003). Princípios da Neurociência. São Paulo: Manole.
- NICOLESCU, B (1999). O Manifesto da Transdisciplinaridade. São Paulo: Triom.
- RIBEIRO, S. & NICOLELIS, M.A. (2004). Reverberation, storage, and postsynaptic propagation of memories during sleep. Learn Memory, v. 11, n. 6, p. 686-696.
- SAIZ, M.E. (1998). América Latina: nuevos paradigmas, fronteras e interstícios simbólicos. In: Anais do I Congresso Latino – Americano de Psicologia Analítica. Montevideo/ São Paulo: SBPA / Fundación de Psicologia Analítica Carl G. Jung Del Uruguay, p.93-112
- TASSARA, E. T. O. (2005). Psicologia e Ambiente. Revista de Psicologia. V. 16, n.1/2, p.135-136.
- ZADRA, A., DESJARDINS, S. & MARCOTTE, E. (2006). A test of the threat simulation theory in recurrent dreams. Conscious Cognition, v. 15, n. 2, p. 450-463.
- ZOJA, L. (2000) História da Arrogância: Psicologia e Limites do Desenvolvimento Humano. São Paulo: Axis Mundi.